

RUBEM BRAGA

## SOB OS CAJUEIROS

UMA correspondência de Alencar Araripe, de Fortaleza, para o «Diário de Notícias», conta que em maio deste ano, quando os flagelados chegaram ali, a «Hospedaria Getúlio Vargas» logo ficou repleta, e um grande número de famílias foi viver debaixo dos cajueiros. «Crianças cearenses nascem e morrem sob os cajueiros» — é o título da reportagem.

A notícia é triste para qualquer pessoa, mas a mim me deu uma particular melancolia. Estive em Fortaleza durante a última guerra, não me lembro precisamente o ano e mês — foi coisa de 15 anos atrás.

A Hospedaria já existia, e já se chamava Getúlio Vargas. Eu a visitei; estava superlotada de retirantes. Depois corri os arredores de Fortaleza e vi, sob os cajueiros, alguns milhares de famílias acampadas.

Aquela multidão de homens, mulheres e crianças vivendo sob as árvores, dormindo em redes imundas, expostas ao vento e à chuva, era um espetáculo alucinante de miséria. Conversei com um médico, êle me disse que as crianças morriam como moscas, quase sempre desidratadas pelas doenças intestinais. Vi aquêles caboclinhos raquíticos e barrigudos — e isso me ajudou a suportar, na Itália, a visão das crianças abandonadas no meio da guerra. Abandonadas, mas muito mais fortes, bem nutridas e saudáveis que os pobres sertanejinhos.

Saber que 15 anos depois tudo está como era, é desanimador. Sabemos que em 1605, Pêro Coelho de Sousa fez uma expedição para conquistar o Ceará, mas teve de desistir devido à seca. De então para cá sempre houve seca no Ceará, com intervalos de anos. É um fenómeno conhecido e previsível, portanto, há mais de 350 anos. Pois cada vez que acontece é como se fôsse a primeira — todo mundo é pegado de surpresa, o govêrno toma providências de emergência como se fôsse um terremoto ou qualquer outra desgraça imprevisível. E antes que voltem as chuvas há uma tempestade de discursos — centenas, milhares de discursos nas câmaras municipais, nas assembleias estaduais e no parlamento federal, explorando a catástrofe...

Não creio que os políticos do Nordeste sejam piores nem melhores que os do Sul. Mas que diabo! Eles não poderiam se reunir todos um belo dia — homens de todos os partidos e de todos os Estados interessados — e convocar cientistas e técnicos e funcionários, e traçar um programa permanente e sério de combate à seca? Que presidente da República ou que estadista do Sul deixaria de apoiar êsse plano e fornecer meios para sua execução?

Nada. Isso me lembra a história daqueles urubus que se abrigam numa árvore no dia de chuva e lá, encorajados, friorentos, combinam fazer uma casa quando o tempo melhorar. Passa a chuva, e todos vão para cima de um telhado abrir as asas, queantar sol. E quando um diz — «e a casa, compadre, não vamos fazer casa?» — o outro responde — «p'ra que casa? p'ra que casa?».

O nordestino é um urubu ao contrário — por culpa de seus políticos demagogos e ineficientes.